

# Racismo na segurança privada

» GILMO FRANÇA

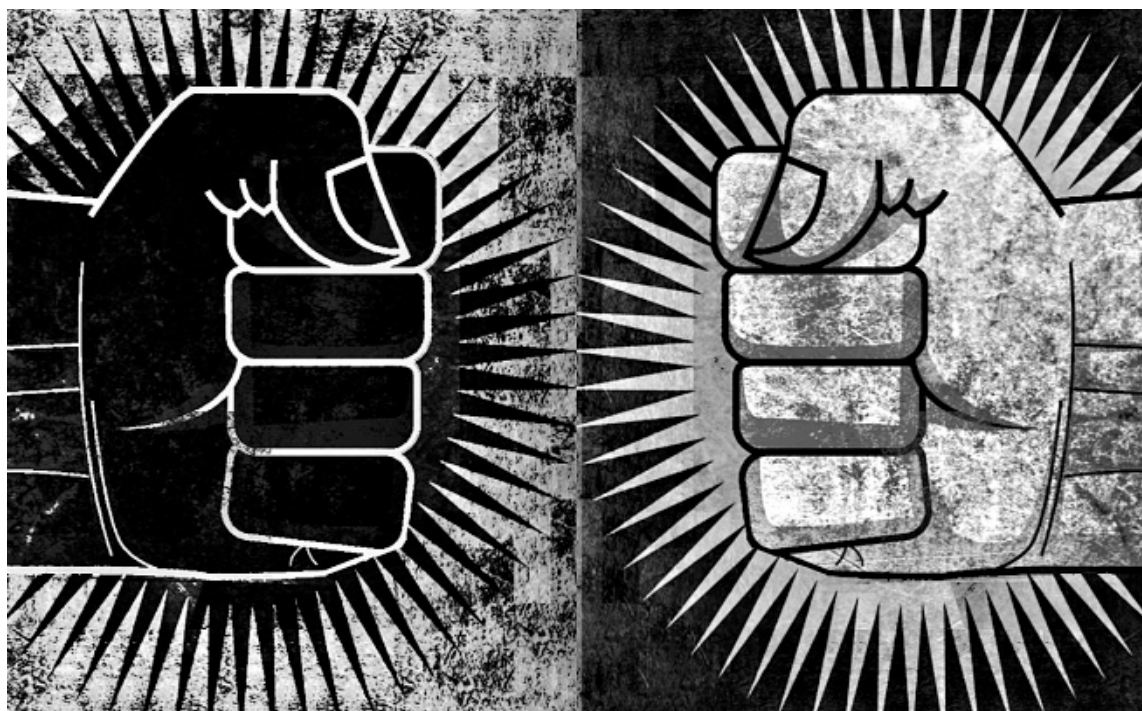
Formado em direito (PUC-MS/UDF), pós-graduado em segurança pública (Unitins); professor, escritor e empresário da segurança privada

Racismo é uma forma desumana e negativa de se relacionar com parcela expressiva de clientes e colaboradores. Em cima desse entendimento, a empresa deve elaborar programas educacionais com a temática “preconceito e discriminação”, implementando-os, principalmente, no setor da segurança. Caso terceirize o serviço, certifique-se de que consta na grade curricular dos contratados matérias que visam combater o racismo.

Toda interpretação deve ser feita pelo gestor de segurança, não deixando margem para livre entendimento, segundo a cultura do pessoal de execução. Da lacuna criada pela falta de clareza, principalmente quanto aos objetivos das ações de segurança, nascem os abusos e preconceitos, com forte potencial destrutivo. O que propomos aqui é que o espaço para as interpretações das ordens seja o mínimo possível e, se houver interpretações diferentes, que venham à luz dos direitos e das garantias fundamentais do cidadão, daí a necessidade do curso de nivelamento proposto no início.

Existe uma barreira financeira que limita o consumo de alguns produtos de parcelas da população, contudo, a segurança deve respeitar a garantia constitucional do “direito de ir e vir”. A atitude focada em estereótipos tem seus efeitos colaterais negativos bem definidos, pois, enquanto demoniza uns, enaltece outros. Cuidado! Essa falha será, certamente, explorada em sua empresa pelo crime organizado. Percebendo essa fragilidade da segurança, aos bandidos bastará se camuflarem pelo uso dos padrões aceitos e cometerem com facilidade os seus crimes. Observações que ajudam na quebra da discriminação racial.

Certos critérios dizem respeito à condição constatada pela literatura de segurança como sendo algo que possa vir a facilitar a ação de indivíduos com más intenções em estabelecimentos comerciais. Por exemplo: uma pessoa que tenta entrar em



um banco portando algo de metal. O objeto de metal é o elemento objetivo que estamos buscando nesta amostragem. Assim, acontece com o recolhimento de objetos em guarda-volumes apresentação do notebook em voos, noite ou dia, horário de troca de turno etc. Em se tratando de critério objetivo, não cabem interpretações. Basta que se faça presente, será o suficiente para chamar a atenção da segurança.

Será utilizado para desenvolver este tópico o código de ética da empresa que, certamente, reprova todo tipo de discriminação. Então, traçar cronogramas de alerta levando-se em consideração horários em que a empresa é visitada por jovens, em nada fere questões morais e éticas, bem como tomar ações, considerando clientes mais maduros, igualmente não fere seus direitos. Todas estas diferenciações têm o objetivo de prevenir e proteger e não guardam relação com o ato de opressão a qualquer grupo que seja. Fazer operação presencial, geralmente, é a maneira certa que a área de segurança deve adotar para suprir essa necessidade. O critério subjetivo nunca poderá ser considerado isoladamente para justificar uma ação por parte da segurança. Em vez disso, deverá ser atrelado a outros objetivos.

Outra forma eficiente de minimizar os impactos do preconceito nas empresas é dinamizar os quadros de funcionários com uma presença racial diversificada na equipe de segurança. Com isso, o empresário conseguirá uma imagem mais suave para os usuários e clientes, uma vez que todos se veem representados. Existem casos especiais em que essas equipes são montadas de acordo com a situação local. Por exemplo, se estiver em área de fronteira, há a necessidade de se buscar profissionais daquelas comunidades específicas. O objetivo é tirar a impressão de que um grupo está contra o outro. Uma equipe misturada não deixa margem para esse tipo de discussão.

Outro ponto positivo da ampla representação é que inibe a alegação feita por falsa vítima de preconceito. A propósito, quando alguém falsamente se diz vítima de racismo e é desmentida por dispositivos como câmeras e testemunhas, além de injustamente atacar o acusado, fere reflexivamente o direito de uma vítima real de racismo que é colocada no mesmo patamar do falsário. Assim procedendo, a segurança privada ganhará mais eficiência em suas ações, uma vez que irá direto ao problema e evitará ser cegada por questões culturais e sociais não resolvidas.

## Crescimento e confiança

» BENITO SALOMÃO

Economista do Programa de Pós-Graduação em Economia da UFU

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou, recentemente, os dados do Produto Interno Bruto (PIB) da economia brasileira, referente ao segundo trimestre de 2021. O resultado põe fim ao frenesi dos crenes na tese de que a economia poderia apresentar um crescimento sustentado, alheia ao que acontece no *front* da política nacional. A queda de 0,1% reflete, objetivamente, dois problemas: o péssimo ambiente político e institucional do governo brasileiro, representado em seus Três Poderes, e a ausência de políticas de estímulo ao crescimento econômico.

No que se refere à instabilidade institucional, é preciso deixar claro que, enquanto as autoridades brasileiras perdem tempo e se desgastam com teses irrelevantes como voto impresso, as coisas acontecem (ou deixam de acontecer) no mundo real. As decisões econômicas, dentre elas a de investir na produção, tida como a principal decisão de uma economia capitalista, dependem das expectativas quanto às condições futuras da economia. Para Keynes, essas expectativas dependem do estado de confiança dos empresários quanto à possibilidade de seus investimentos retornarem na forma de lucro. Em outras palavras, uma economia empresarial moderna precisa de estabilidade para que investimentos ocorram.

No livro *Animal Spirits*, os Prêmio Nobel de economia Robert Shiller e George Arkelof discutiram sobre fatores que afetam a confiança: corrupção, injustiça, falta de transparência por parte das autoridades causando

ilusão monetária, típica de economias com inflação elevada, são fatores que afetam a confiança e os investimentos. É importante salientar, que, em momentos de elevada instabilidade, as políticas macroeconômicas perdem a eficácia, em outras palavras, é difícil estimular a economia com quedas na taxa de juros ou expansão dos gastos públicos se os agentes não confiam na retomada. Diante disso, os autores argumentam acerca da importância de guiar a economia de um equilíbrio inicial de baixa confiança para um novo equilíbrio de alta confiança.

Para Arkelof e Shiller, a confiança (ou a falta dela) se espalha em uma economia aos moldes de uma epidemia, isto é, quanto mais pessoas confiam que a economia irá crescer, mais pessoas tendem a também confiar e a confiança se espalha. Este ciclo de otimismo desencadeia novos investimentos, ampliando o produto e a renda. O inverso também é verdadeiro, quanto mais pessoas deixam de confiar no desempenho da economia, mais esse pessimismo contagia outras tantas pessoas, e os investimentos não ocorrem. Sem confiança não há investimento e, portanto, os dados do PIB tendem a seguir uma trajetória modesta. Sob predominância de pessimismo, a crença em um mau desempenho na economia coloca os agentes em posições defensivas tornando a esperança de recessão uma profecia autorrealizável.

O outro ponto a ser levantado para explicar o baixo crescimento econômico verificado no Brasil nos últimos anos é a escassez absoluta de políticas econômicas capazes de estimular o crescimento. As agendas

apresentadas até aqui, apelidadas de reformas, têm pouco, ou nenhum, efeito sobre o crescimento econômico de curto e de longo prazos. Se, no campo da macroeconomia, não é possível haver grandes estímulos à economia, porque a inflação elevada requer aperto na política monetária e os níveis elevados da dívida pública sugerem restrições fiscais que inviabilizam a expansão do gasto público. Do lado da microeconomia, os estímulos ao crescimento podem se dar em duas frentes: medidas pró-concorrência e medidas pró-competitividade.

Pode-se detalhar melhor as agendas pró-concorrência e pró-competitividade em artigo futuro. No que se refere à primeira, medidas no sentido de redução de barreiras à entrada em mercados oligopolizados, abertura econômica, incentivo à inovação e diversificação em pequenas e médias empresas são bons exemplos. No que tange à segunda agenda, simplificação tributária, investimento em ciência de fronteira e capital humano, melhora do ambiente regulatório estimulando segurança jurídica, estímulo ao capital físico, sobretudo na área de logística e energia, são soluções que podem contribuir.

Na ausência de medidas efetivas de estímulo ao crescimento, que não devem ser pautadas no curto prazo, a harmonização institucional e política do país já traria enormes ganhos para a economia pelo canal da confiança e da previsibilidade. A convivência harmônica entre os Poderes tem que ser o foco das autoridades para que a população não pague o preço na forma de baixo crescimento e elevada inflação, ou seja, estagflação.

## Visto, lido e ouvido

DESDE 1960

Circe Cunha (interina) // [circecunha.dfg@dabr.com.br](mailto:circecunha.dfg@dabr.com.br)

## A “fakecracia” e seus “delirious”

Da falta de uma melhor qualificação do voto e do eleitor, processo que só pode ser atingido a partir da universalização de um ensino público de qualidade, o que temos que aceitar — e até nos conformar — é como os resultados de seguidas eleições em que vários dos melhores candidatos acabam sempre ficando de fora dos pleitos.

Trata-se, aqui, de um processo que mais se assemelha a uma espécie de voto de cabresto às avessas, em que os eleitores, sem a devida noção das consequências cívicas do voto, acabam impondo à sociedade a vitória dos candidatos mais desqualificados. É a nossa versão de kakistocracia. É esse o resultado, com maiores ou menores intensidades, que temos colhido desde a redemocratização nos anos 1980.

Para piorar essa situação, que em si já é bastante delicada, juntamos a essa kakistocracia algumas outras definições políticas oriundas, também, do grego antigo, como a iuriscracia ou o governo exercido pelos juizes por meio do chamado ativismo judicial ou politização da Justiça. Somado a essas deformidades da democracia, temos ainda, em razão direta da baixíssima qualificação do voto e do eleitor, o fenômeno da nepocracia, que é quando o poder é utilizado por governantes para beneficiar diretamente seus familiares. É o caso que temos assistido tanto com relação ao ex-presidente Lula e seus filhos, que enriqueceram no governo do pai, sendo classificados, à época, como os “Ronaldinhos dos negócios”, como há suspeitas no caso da família do atual presidente sobre as divulgadas rachadinhas ou por meio do crime de peculato.

Em decorrência da desqualificação proposital do binômio eleitor/voto, o que temos como resultado não poderia ser outro: uma democracia de má qualidade em que os eleitores elegem brincando ou vendendo votos e, como consequência, passam a ser solenemente ignorados até as próximas eleições.

Há algumas décadas, quando Pelé deixou escapar a frase que “cada povo tem o governo que merece” ou que o “povo brasileiro não sabe votar”, a mídia caiu em cima do jogador para crucificá-lo, usando para essas críticas até o nome pespegado aos juizes de futebol.

Hoje é preciso uma verificação dos fatos ocorridos até aqui para saber, ao certo, se ele estava com a razão. A falta de seriedade nas eleições, feita de alto a baixo, produz o que temos colhido. É nesse intervalo entre a displicência entre o ato de votar e a vitória desses candidatos que, previamente, estamos preparando os novos ciclos de corrupção que virão. Nem vamos estender o assunto urnas eletrônicas, já devidamente discutido, mas não resolvido.

Somos todos responsáveis por nossas escolhas. Nas últimas eleições, embora os eleitores demonstrassem claramente não saber o que desejavam para o país, pelos menos externaram aquilo e aquele que não queriam de volta. Já é um começo. Vamos juntos socobrando nessa areia movediça. Para não ficarmos desatualizados, num mundo em desabalada carreira rumo ao que parece ser o epílogo de nossa espécie, estamos experienciando o que pode ser uma República envenenada por fakes news ou por Três Poderes desinteressados na população e seu futuro.

### »» A frase que foi pronunciada

“A diferença entre um estadista e um demagogo é que este decide pensando nas próximas eleições, enquanto aquele decide pensando nas próximas gerações.”

Winston Churchill

### Desatino

» Moradores da 711 Norte são surpreendidos com a falta de energia constantemente. Os cabos da rede elétrica são furtados.

### Outra forma

» Projeto Viva Centro ainda não vingou. Querem transformar o Setor Comercial Sul, que hoje mais parece uma cidade fantasma, em moradia. Se o Iphan, que é o setor técnico, inviabilizou o projeto, é porque tem razões.

### Delícia

» Neste ano, a Festa do Morango vai até 7 de setembro. São cerca de 200 famílias que cultivam a fruta no Distrito Federal, aproximadamente 95% delas na região de Brazlândia, onde é realizado o tradicional encontro com diversas atrações e guloseimas.

### Chuvas

» Esse é o momento para as Administrações pontuarem no mapa da cidade as áreas onde há necessidade de escoação de águas. Caso contrário, as notícias de todos os anos se repetirão.

### Carta do leitor

» “Esperando o Godot das matemáticas” (coluna 3/9). O correto seria “Esperando o Godot das aritméticas”, já que o texto analisa a crescente e absurda escalada dos preços dos combustíveis e da energia elétrica. Matemática é a ciência dos números. Mas quem trata deles, somando, dividindo ou multiplicando, é a aritmética.

### »» História de Brasília

*Falta, entretanto, verba para o aproveitamento do Córrego das Pedras que servirá sem nenhum problema sanitário. Uma boa medida que o prefeito poderia adotar seria proibir funcionário de dirigir carro chapa branca. Cabe apenas aos motoristas da repartição este trabalho. (Publicada em 08/09/1962)*